

## (Re) conhecer a si, o outro e mundo em Paulo

### Freire: além do método!

Ana Paula Vilela Moraes<sup>1</sup>

Aline da Silva Oliveira<sup>2</sup>

Jordana Cristina Ferreira Santiago<sup>3</sup>

Lyrian Martins Ferreira<sup>4</sup>

Maria Perpétuo Socorro Oliveira Lopes da Luz<sup>5</sup>

Manoel Messias R. Lopes<sup>6</sup>

Nayara Vieira de Almeida<sup>7</sup>

Daniella Gomes de Lima<sup>8</sup>

Karine Assis Oliveira Soares<sup>9</sup>

José Sílvio de Oliveira<sup>10</sup>

Grupo de Pesquisa<sup>11</sup>

**Resumo.** Este ensaio, conforme o título evidencia, revela brevemente as condições teóricas e práticas do reconhecimento do outro, do mundo e de si próprio, resultantes da teoria e do seu método educativo de Paulo Freire, portanto, o objetivo é refletir sobre as primeiras páginas, a introdução e o primeiro capítulo da obra reconhecidíssima, *A Pedagogia do Oprimido*. Longe de refletir exaustivamente essas condições, aderi-se e estudou também o Papel da Educação na Humanização. Esse trabalho é resultado coletivo do Grupo de Pesquisa de Filosofia e Educação, paideia aristotélica e paideia tomista, atualmente, vinculado aos últimos acontecimentos políticos e educacionais do país, por isso, o artigo ganhou esse viés. Duas são fontes principais de pesquisa, a saber, obras, *A Pedagogia do Oprimido* (2018) e a palestra concedida no Chile em 1969, intitulada, *Papel da Educação na Humanização*. O que daqui resulta é o entendimento que, a libertação da vida de homens e mulheres, especificamente os oprimidos, eles/as deverão não mais

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica Especial de Educação. Universidade Federal de Goiás/REJ. [Anap.vilela97@gmail.com](mailto:Anap.vilela97@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica Especial de Educação da Universidade Federal de Goiás. [alinesilva@discente.ufg.br](mailto:alinesilva@discente.ufg.br)

<sup>3</sup> Acadêmica da Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica Especial de Educação. Universidade Federal de Goiás/REJ. [jordanasantiago7@gmail.com](mailto:jordanasantiago7@gmail.com)

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica Especial de Educação. Universidade Federal de Goiás/REJ. [lyrianmartins@gmail.com](mailto:lyrianmartins@gmail.com)

<sup>5</sup> Pedagoga e assistente de biblioteca da Instituição Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, Jataí-GO. [mariaperpeto@discente.ufg.br](mailto:mariaperpeto@discente.ufg.br)

<sup>6</sup> Acadêmico do Curso de Pedagogia do Centro Universitário, Uningá. Maringá, PR. [manuelmessias071@gmail.com](mailto:manuelmessias071@gmail.com)

<sup>7</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica Especial de Educação. Universidade Federal de Goiás/REJ. [nayaraalmeida56@gmail.com](mailto:nayaraalmeida56@gmail.com)

<sup>8</sup> Comendadora e professora de inglês, espanhol e italiano, embaixadora do idioma Espanhol no Brasil e no mundo - Fundación César Egidio Serrano – Madrid. [patfield@bol.com.br](mailto:patfield@bol.com.br)

<sup>9</sup> Professora de filosofia e mestranda do Instituto Federal de Goiás/Jataí [assis.karine@gmail.com](mailto:assis.karine@gmail.com)

<sup>10</sup> Professor de filosofia da Unidade Acadêmica Especial de Educação Universidade Federal de Goiás/REJ. [oliveirajosé354@gmail.com](mailto:oliveirajosé354@gmail.com)

<sup>11</sup> Filosofia e Educação - Paideia aristotélica e paideia tomista. Pesquisa centrada numa investigação crítica das categorias filosóficas que constituem as teorias filosóficas de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino. Em adição a esse propósito, este projeto está aberto para todos os docentes e discentes das mais distintas áreas de conhecimento, que apreciam o sabor da filosofia. O objetivo principal desde projeto é investigar o sentido educativo das filosofias de Aristóteles (384 – 322 a. C.) e de Tomás de Aquino (1225 – 1274 d. C.)

---

<sup>10</sup> Filosofia e Educação - Paideia aristotélica e paideia tomista. Pesquisa centrada numa investigação crítica das categorias filosóficas que constituem as teorias filosóficas de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino. Em adição a esse propósito, este projeto está aberto para todos os docentes e discentes das mais distintas áreas de conhecimento, que apreciam o sabor da filosofia. O objetivo principal desde projeto é investigar o sentido educativo das filosofias de Aristóteles (384 – 322 a. C.) e de Tomás de Aquino (1225 – 1274 d. C.)

hospedar seus opressores, isto é na medida em que eles/as descobrem e expulsam os opressores/as, também esses/as ficam libertos, por isso, *práxis* libertadora.

**Palavras-chave.** Prefácio. Primeiras palavras. Paulo Freire. Pedagogia do Oprimido

**Abstract.** This essay, as the title signs, briefly reveals the theoretical and practical conditions of the recognition of the other, of the world and of the own being, what results from the theory and educational method of Paulo Freire, so the objective is to reflect on the first pages, the introduction and the first chapter of his acknowledged work, *The Pedagogy of the Oppressed*. Far from reflecting exhaustively these conditions, we've adhered and also studied the *Role of Education in Humanization*. This work is a collective result of the Research Group of Philosophy and Education, Aristotelian Paideia and Paideia Thomista, currently linked to the last political and educational events of the country, so the article has gained this bias. Two major sources of research are works, specifically *The Pedagogy of the Oppressed* (2018) and the lecture given in Chile in 1969, entitled *The Role of Education in Humanization*. What results from here is the understanding that in the liberation of the lives of men and women, especially the oppressed, they should no longer host their oppressors, that is, as long as they discover and expel the oppressors, these ones are also freed, therefore, liberating praxis.

**Keywords.** Preface. First words. Paulo Freire. Pedagogy of the Oppressed

"Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam." Paulo Freire

### **Introdução.**

O objetivo desse ensaio é analisar como Paulo Freire compreende o homem, sua consciência e o mundo nas primeiras páginas da obra *Pedagogia do Oprimido*. A frase supracitada, pode ser caracterizada por uma epígrafe, foi extraída da obra de Paulo Freire, *A Pedagogia do Oprimido*. Das inúmeras interpretações que dela se desprende, pode-se afirmar que, aqueles que se conhecem como iguais, que juntos lutam por seus direitos, sociais, culturais, educativos, tem, sem dúvida, consciência de seu papel no mundo e como agir sobre ele. Nessa obra e nas palestras por ele concedidas e realizadas no mês de maio de 1967, em Santiago, sob o patrocínio da OEA, do Governo do Chile e da Universidade desse país, Paulo Freire ensina, sobre a existência do indivíduo no mundo, ao mesmo tempo, como fazer dessa existência um ato de consciência e reflexão com o mundo, com o outro e, consigo mesmo, o Patrono da Educação nos convida, a auscultar o outro, e, a ideia central só pode ser a conscientização da situação vivida, logo a educação, ou o processo educativo contribui fundamentalmente para libertar o oprimido. O patrono da educação, não apenas justifica teoricamente o oprimido, mas, vai ao encontro dele, concretamente, limpa seu rosto, cura suas feridas, ele ouve os gritos dos/as

marginalizados/as. Quando Paulo Freire, em sua época, abre os olhos, ele não só enxerga as injustiças sociais, mas que isso, se atreve e ousa criar um instrumento para romper com a opressão e com a dominação. Paulo Freire apropria de uma construção histórica, para além disso, abre os caminhos para o sentido da ética e da educação em sentido amplo. Sua ética se volta para a prática educativa que tem como fundamento primeiro arrancar das mãos dos dominadores e dominados. A educação em si mesma é tida como uma arma contra a opressão se sua prática se volta para a libertação. Essa não é uma história nova. Para ele, o um caminho para a libertação é a tomada de consciência de si, do outro e do mundo! Sim, daí pedagogia de Paulo Freire se desprende uma verdadeira antropologia, isto é, se desprende o homem e a mulher, o jovem e a criança. Afirmando de outro modo, dela, se desprende o homem ou a mulher quando ele ou ela se humaniza, isto é, o homem ou a mulher conscientemente enxergam as injustiças, as maldades e a própria negação do outro como pessoa, essa portanto, é sua prática educativa, por isso, o nome mais expressivo e significativo é pedagogia libertadora, pois liberta o homem, a mulher, o jovem, a criança de suas amarras do mundo, do outro e, propriamente de si próprio. Uma questão avassaladora na filosofia educativa de Paulo Freire é essa: ela não funciona se apenas quem a defende, apenas, a teoriza, ao contrário, para compreendê-la em profundidade é necessário descer aos escombros mais profundos das cavernas e dar as mãos aos oprimidos e marginalizados. Por isso, para a grande maioria das universidades do Brasil, sua filosofia educativa, ou seja, sua *práxis* pedagógica, é quase impossível ser compreendida.

## 1 Questões preliminares

A primeira questão que Paulo Freire direciona é exatamente, uma crítica ao sistema de educação vigente da sociedade de sua época, para ele, a educação é um dispositivo usado para manter as estruturas de poder da classe dominante sobre a classe dominada, o que perpassa a sociedade como todo. Antes de compreender o que o filósofo e educador pensa sobre a educação e o ensino é necessário abordar brevemente uma confusão intelectual que o próprio Ministério da Educação faz, ou seja, o ministério, a partir de seus coordenadores e organizadores falam de escrevem educação, entretanto, nós lemos e entendemos escola. Essa coisa parece ser algo irrelevante, porém, essa confusão intelectual, atrapalha e atrasa cada vez mais o processo da formação humana.



Essa educação, – pensada por Freire, e seus métodos são, fundamentalmente, ferramentas que os opressores da sociedade até então, desenvolveram para manterem seus privilégios, o que Paulo Freire chamará de pedagogia da classe dominante.

Num sistema neoliberal, como o do Brasil, o sistema educacional vigente é chamado, nas palavras de Freire, de educação bancária. A prática educativa bancária compreende que os professores são depositantes e os alunos depositários. O ensino é mecânico, voltado para a memorização, comunicados e considera os alunos e alunas caixas vazias. Nesse modelo de educação, não há espaço para o exercício da liberdade pois a realidade é entendida como fixa e estática, tirando do sujeito a potencialidade da práxis transformadora.

Contrapondo-se a essa pedagogia, Paulo Freire apresenta a pedagogia como prática libertadora, que como o nome indica, é a liberdade do indivíduo por meio da educação. É preciso entender aqui, que Paulo Freire não está apenas referindo-se à escola, ao contrário, todos os segmentos da sociedade, a saber, a cultura, as instituições, a religião, a escola, a ideologia, a própria estrutura da sociedade como tal. Todavia, não se trata da liberdade em seu entendimento e noção superficial, mas sim, de uma reflexão e de prática que dará ao indivíduo a capacidade de refletir e repensar sua vida como um todo, isto é, de entender as estruturas de poder, onde os personagens são, por um lado, os opressores, por outro, os oprimidos. Nessa perspectiva, a educação em sentido amplo, e, se pensarmos no método de Paulo Freire, deverá esse, identificar o indivíduo, a partir de suas capacidades intelectuais, morais, sentimentais e espirituais, de modo a fazê-lo a refletir o seu contexto social. Brillantemente, Paulo Freire, sabe e reconhece que, esse indivíduo é capaz de escrever sua própria história. Escreve ele na entrevista concedida e mais tarde publicada como obra, em 1967.

Tão somente o homem, na verdade, entre os seres incompletos vivendo um tempo que é seu, um tempo de que-fazer, é capaz de admirar o mundo. É capaz de objetivar o mundo, de ter nesse um “não eu” constituinte do seu eu, o qual, por sua vez, o constitui como mundo de sua consciência. A possibilidade de admirar o mundo implica em estar não apenas nele, mas com ele; consiste em estar aberto ao mundo, captá-lo e compreendê-lo; é atuar de acordo com suas finalidades a fim de transformá-lo. Não é simplesmente responder a estímulos, porém algo mais: é responder a desafios. (1967, p.1)

Apesar de ser um método voltado para desvencilhar o indivíduo das garras do sistema opressor, também é capaz, de dar-lhe à liberdade, Paulo Freire, revela que esse é um método bilateral, ou seja, ao mesmo tempo, pode beneficiar não, tão-somente o oprimido como também o opressor, visto que este último, é também um personagem historicamente corroído pelo sistema, na medida que esse o favorece. Logo, é possível encontrar no *locus* de privilégio, esse, torna-se incapaz de entender ou refletir sobre o contexto da opressão. Assim, logo que o indivíduo oprimido consegue a sua liberdade por meio da reflexão, da pedagogia da liberdade, ele também liberta seu opressor, dando-lhe a oportunidade desse, buscar também o seu refletir, seja sobre o seu mundo, ou, seja sobre seu papel. Paulo Freire explica aos seus leitores que isso, ou seja, quando, expressa que a verdade do opressor está na consciência ou na falta dela do oprimido.

Há nesse método papéis específicos para os personagens do mesmo, a fim de assegurar o seu sucesso. Quando se fala em método é preciso refletir muito bem, pois, Paulo Freire expressa isso de modo amplo e educativo. Diferente dos demais métodos já apresentados por educadores, psicólogos e outros profissionais que estudam a área do ensino. Paulo Freire não delimita papéis principais e/ou secundários aos partícipes do seu método. O que ele propõe para que a pedagogia libertária seja efetiva é que os agentes tenham um compromisso com uma educação humanitária, entendida como formação humana ampla, isto é, que cada indivíduo seja capaz de se tornar o escritor da sua biografia, ao mesmo tempo, tenha consciência do seu ser em seu mundo.

Compreende-se que ao tornar-se escritor de sua própria história homens e mulheres tenham conquistados sua liberdade, todavia, é de se entender que essa conquista não é uma tarefa fácil, pelo contrário, é uma luta travada contra um sistema que tem em suas estruturas características arraigadas de opressão e exploração. Percebe-se como uma busca dualista, na qual vai exercer seu papel individual no que diz respeito a subjetividade, ao mesmo tempo que é também uma luta por direitos de uma classe, a oprimida.

Nessa perspectiva entende-se que essa busca apesar de ser de caráter individual no que concerne à subjetividade, ou seja, deve partir e terminar no indivíduo e na sua subjetividade, ela também deve ter seu caráter coletivo, no que diz respeito à consciência de classe e a defesa de seus direitos, isto é, o indivíduo saber que a busca por sua liberdade

é primeiro um caráter individual, visto que só ele pode a conquistar, mas ela deve ter o caráter coletivo, quando a entende que a luta não visa somente à liberdade dele enquanto indivíduo, mas sim dele enquanto parte de uma classe social.

Esta, porém, não é doação que uma liderança por mais bem-intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros. [...] Precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização. (FREIRE, 2018 p. 74)

## 2. Sobre o método.

Antes de esclarecer seu sentido sistematização, requer evidenciar um fator que leva muitas educadoras e muitos educadores a desanimar-se com os ensinamentos de Paulo Freire. Primeiro há uma falsa interpretação que o método é fácil, enganam-se. Pois, os que assim pensam, ao contrário é muito complexo, mais que isso, é preciso ter consciência que não se trata de meros professores/as, alunos/aa e de sala de aula, para longe disso, essa é uma ação com estruturas arraigadas na sociedade, e tratando-se de sociedade há todo um processo histórico, em específico um processo de relação de poder e dominação, e lutar contra esse sistema é ir contra a correnteza que é imposta, aliás, essa é uma luta antiga entre dominados e dominantes, está enraizada na história e na cultura da civilização ocidental. Logo, as barreiras são múltiplas, são capazes de impedirem as educadoras e os educadores o trabalho de conscientização e humanização. São inúmeras as tentativas de enclausurarem seus objetivos e não são poupadas nenhuma de suas metas. Segundo, esse método apesar de amplo e complexo não é utópico, as pessoas que assim interpretam, talvez, precisam de reconhecer que o próprio método é essencialmente significativo, na medida que contribui para o desvendar da natureza do ser humano. Muito mais até para os alfabetizados e as alfabetizadas. Ele é muito possível de ser aplicado, todavia, precisa de educadoras e educadores comprometidos com o lado humano de seu trabalho. Aqui, é necessário esclarecer um pouco mais. Paulo Freire retrata isso de forma clara e objetiva, pois seu método, nada mais que é a nossa própria vida:

O sujeito da busca é o próprio homem que realiza. Isso significa, por exemplo, que não me é possível, numa perspectiva humanista, “entrar” no ser de minha esposa para realizar o movimento que lhe cabe fazer.

Não posso lhe prescrever as minhas opiniões. Não posso frustrá-la em seu direito de atuar. Não posso manipulá-la. Caseime com ela, não a comprei num armarinho, como se fosse um objeto de adorno. Não posso fazer com ela seja o que me parece que deva ser. Amo-a tal como é, em sua incompleticidade, em sua busca, em sua vocação de ser, ou então não a amo, Se a domino e se me agrada dominá-la, se ela é dominada e se lhe agrada sê-lo, então em nossas relações não existe amor, mas sim patologia de amor: sadismo em mim, masoquismo nela. (1976,p.1)

É preciso entender que Paulo Freire está querendo evidenciar a nossa vida em sua concentricidade, longe de ser uma teoria que se desprende da sociedade, do mundo, da coletividade. É preciso que se desvencilhe do lado fantasioso do método assim como do lado utópico, agindo como agente da pedagogia da liberdade.

As educadoras ou educadores, ou basicamente o sujeito deve ter a consciência que o método é complexo e para seu sucesso não deve ser aplicado separadamente da vida, das coisas da vida, das coisas do mundo.

Foi pensando nisso e como um conhecedor do poder da educação que Paulo Freire criou o método de alfabetização que possibilite o homem superar as contradições do sistema opressor, esse método será aplicado por uma pedagogia libertária. Compreende-se como pedagogia libertária, aquela que possibilite ao indivíduo meio que supere sua situação de oprimido e lhes devolva sua humanidade. Para tanto é preciso que entendamos também que a educação dentro de uma sociedade opressora é forjada pela a classe dominante e opressora e usada por essa como meios de legitimação da opressão na sociedade.

Dentro dessa perspectiva espera-se primeiro que a pedagogia libertária seja uma prática desprendida desse engodo da classe opressora, e sim que seja forjada pela classe oprimida, para ela e visando a conscientização e libertação das amarras do sistema que lhes prende na opressão.

No que concerne à educação e o método libertário de Paulo Freire, compreende-se ambos como meio que possibilite a liberdade do indivíduo, logo ela deve ser criada por ele e para ele. No que diz respeito ser criada por ele e para ele, Freire explica que é uma pedagogia onde as aulas serão determinadas pelo indivíduo e seu meio, os conteúdos serão sempre mediados pelas experiências do indivíduo e com palavras e conceitos que

façam parte do seu contexto, isto é, uma metodologia que faça o indivíduo se perceber no contexto da escola e da educação, que não perceba uma distância entre ele e seu mundo e o que lhe é ensinado na escola, assim ele se sentirá como parte de sua sociedade. Outro caráter importante nessa pedagogia, é que os professores e professoras tenham também consciência de classe e não se distanciem de seus alunos e suas alunas assim também como de sua realidade, entende-se que professores e professoras são também seres oprimidos pelo sistema, apesar de se encontrarem em uma situação um pouco melhor, dito isso se espera destes e destas que não coloquem distancia imaginária entre eles e eles e seus alunos e alunas. Reconhecer-se como oprimido e agir para que juntos alunos/as professores/as possam se libertar.

Ou seja, para que o indivíduo tenha uma consciência do seu mundo, é necessário que o conheça por isso Paulo Freire compreende que a prática da educação em seu sentido amplo, isso, deve consistir no uso de palavras que fazem parte do vocabulário do indivíduo, o que o autor vai chamar de palavras geradoras, e que educadoras e educadores usem o significado dessas palavras no contexto do alfabetizando, e uma vez que este já tenha o significado e representação dessas palavras no seu mundo, a educadora e o educador possam a partir das palavras geradoras trazer novas com significados semelhantes, enriquecendo assim o vocabulário do indivíduo, e sobretudo, novos significados para que possa refletir o seu contexto e as significações nas suas vivências. Tão importante quanto isso, é que professores e professoras não se distanciem da realidade de seus alunos e alunas, haja vista que dentro das estruturas da sociedades ambos fazem parte da mesma classe, logo espera-se que com essa atitude; distanciar-se de seus alunos e alunas, os professores e professoras, agirão para a perpetuação do sistema opressor, todavia, na medida em que compreendem-se dentro da mesma realidade farão o seu contrário, agir para desvencilhar o indivíduo dessas amarras, contribuindo para que o indivíduo seja agora capaz de transformar a sua realidade, e, não mais ser forçado a adaptar-se à realidade imposta.

Com o uso das palavras geradoras e das novas palavras as educadoras e os educadores possibilitarão ao alfabetizando a capacidade de ter seu contexto representado na fala e na escrita, o que Freire vai chamar de decodificação do mundo por meio da palavra e escrita. Nessa perspectiva, Paulo Freire expressará que o objetivo do método

enquanto premissa é alfabetizar o indivíduo partindo do seu contexto, do que ele já conhece, desenvolvendo o significado da sua existência no mesmo.

Ora, uma educação só é verdadeiramente humanista se, ao invés de reforçar os mitos com os quais se pretende manter o homem desumanizado, esforça-se no sentido da desocultação da realidade. Desocultação na qual o homem existencialize sua real vocação: a de transformar a realidade. Se, ao contrário, a educação enfatiza os mitos e desemboca no caminho da adaptação do homem à realidade, não pode esconder seu caráter desumanizador. (1997, p.4)

Entende-se que as palavras escritas e faladas são também forma de o indivíduo estabelecer uma relação com o outro e com a seu meio, compartilhando assim conhecimentos com os seus iguais. Cria-se um círculo com os indivíduos desse mundo, onde haverá uma troca mutua de conhecimento e informação, que permitirá uma tomada de consciência culminando na recriação crítica do mundo e dos indivíduos que nele habitam. Essas experiências trocam os indivíduos de papéis nas suas biografias, os que antes eram passivos, personagens secundários passarão a serem os personagens principais de suas histórias.

Outro aspecto presente na premissa do método é a diversidade cultural, uma vez que por meio das palavras geradoras e as novas os indivíduos perceberão a diversidade da fala e escrita, e entenderão essa como parte da cultura viva do mundo, além da pluralidade dá a eles e elas o entendimento dessa diversidade em uma mesma sociedade, e que homens e mulheres são sujeitos dessa cultura, capaz de muda-la. Nesse ponto encontra-se o conhecer a si, o outro e o mundo, e é essa a finalidade do método.

Para que haja uma eficiência nessa parte do método, é imprescindível que educadores e educadoras busque no seu contexto e no contexto dos opressores novas palavras e seus significados, para que partindo dessas, seus alunos e alunas possam refletir não só o seu mundo, mas também o mundo do seu opressor, e assim saber qual papel ocupa dentro do sistema. Em palavras de Freire, pensar e julgar o mundo.

Com as palavras o homem se faz homem, e com elas ele tomará consciência da sua existência. Observar como se vive e viver a partir do que se observa.

Consciência nas palavras de Freire é a capacidade de o indivíduo distanciar-se do que lhe é imposto como verdade, e a partir de uma reflexão subjetiva sobre as verdades



impostas poder desvelar o que lhe é escondido, ou mostrado parcialmente, é presentificar o que não está presente, em palavras mais simples é a representação do mundo partindo da reflexão consciente do que lhe é velado.

Há nas obras de Paulo Freire, sobretudo, nessa obra *Pedagogia do Oprimido* uma má interpretação de talvez o que possamos chamar de incrédulos e incrédulas na educação humanitária, que insistem em falar que Freire queria limitar o papel do professor e professora, idealizado por estes e estas como uma figura rígida e hostil que mantenha a “ordem” na sala de aula e que saibam “conter” os seus alunos e alunas. Para os e as que pensam assim, é esperado mesmo que não consigam compreender a obra de Freire.

Freire ao contrário dessa errônea interpretação, se é que assim podemos chamar, não limita o papel das educadoras e educadores na pedagogia da liberdade, e sim dá a este e está profissional o papel de coordenador na sala de aula, onde ele e ela vão ouvir o que seus alunos e suas alunas têm a dizer sobre suas experiências de vidas e partir do que for exposto mediar um diálogo dando significado as palavras ali colocadas, além do mais o professor e a professora como também personagens ouvintes poderão conhecer mais do mundo de seus alunos e suas alunas, o que também é seu mundo e que muitas vezes tendem a distanciar-se por se encontrar em uma posição melhor que a destes, o que pode custar cara a uma boa educação, sobretudo, a educação humana.

Nessa perspectiva, quando Freire começa a obra escrevendo “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem...” ele se refere a todos e todas que fazem parte da classe oprimida, mas que, sobretudo, tenham consciência de classe e que juntos possam lutar, na educação humanitária e no método de Freire, é colocar professor, professora, aluno e aluna como iguais.

Vamos juntos compreender o patrono da educação brasileira

### **Considerações Finais**

No Brasil, nos últimos anos, mais precisamente após o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff, a obra de Paulo Freire vem sendo demonizada pelos opressores. As acusações são tão vis os que as proferem. Os acusam de doutrinação

comunista e querem lhe roubar o título de patrono da educação brasileira. Temos vivido tempos difíceis. Enquanto isso ocorre, a obra de Freire permanece mais viva do que nunca. Sobre o golpe, é preciso reconsiderar, é uma questão controversa, pois, quando estamos dando o golpe, pouco percebemos que estamos golpeando, é quase natural, você soca o outro, em grande parte, o soco é dado bem dado que quem leva, também quase não percebe, pois está caindo!

É preciso lidar com essas situações utilizando o próprio pensamento de Freire. Como? Tendo consciência das táticas de opressão que os opressores têm desenvolvido para manter o *status quo*; compreendendo a necessidade da humanização para o processo de libertação; olhando para o outro como parte de mim e, sobretudo, busca resistência. Ora, só há possibilidade da resistência através da união dos oprimidos. Oprimidos do mundo, uni-vos.

### **Referências Bibliográficas.**

FREIRE, Paulo. **Papel da educação na humanização**. Obra de Paulo Freire. Série Artigos, 1967. - Resumo de palestras realizadas em 05-1967, em Santiago, sob o patrocínio da OEA, do Governo do Chile e da Universidade do Chile). Publicado originalmente em Revista Paz e Terra. São Paulo, N. 9, p.123-132, out. 1969.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66.ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 2018.